

MAÇONARIA TUPINIQUIM

JORNAL



PERIÓDICO OFICIAL DO PROJETO MAÇONARIA TUPINIQUIM



A Partida dos Companheiros: Uma cerimônia intermediária



NESTA EDIÇÃO

CLOVES GREGORIO

PÁGINA 2

PEDRO DOURADO

PÁGINA 7

Por Cloves Gregorio



O LUTO COMPLICADO NA MAÇONARIA

PEDRO DOURADO

Devido à dimensão fraternal das ordens iniciáticas, todo maçom é irmão de todos os outros maçons, e também assume uma posição familiar, como tio, daqueles pertencentes aos ritos para-maçônicos. Assim, estabelece-se uma relação afetiva intensa e próxima, um laço amoroso entre aqueles que pertencem à família maçônica. E como fica o luto dessa comunidade se não existe o laço consanguíneo? Se uma simples exposição de pertencer a ela, pode inclusive afetar relações sociais e laborais? **Confira na página 07.**

EDITORIAL

Nesta edição apresento um texto sobre a maravilhosa cerimônia “A partida dos companheiros”, prática comum na maçonaria francesa inspirada nas viagens de aperfeiçoamento que os companheiros artesãos faziam pelas suas guildas desde a idade média.

Aproveitando a data de finados, apresento o texto do Irmão Pedro Dourado, psicólogo que aborda o luto complicado em nossas relações fraternais, já que não existem laços consanguíneos e muitas vezes a dor da nossa perda é diminuída pela sociedade.

Espero que gostem!

Cloves Gregorio

QUER ASSINAR NOSSO JORNAL POR MENOS DE UM CAFÉ POR MÊS?

O Maçonaria Tupiniquim Jornal é um periódico que apresenta textos e estudos referentes a história, liturgia e cultura da maçonaria, visando instruir e informar acerca da fraternidade a irmãos estudiosos.

O periódico, a partir de 2024, será distribuído bimestralmente em formato eletrônico para os apoiadores do Maçonaria Tupiniquim, através da plataforma apoia.se, disponível no endereço eletrônico a seguir clicando [aqui](#). Ou optar por um plano anual via pix. Mais informações no e-mail: cloves@maconariatupiniquim.com.br



A PARTIDA DOS COMPANHEIROS: UMA CERIMÔNIA INTERMEDIÁRIA

POR CLOVES GREGORIO



“

A COMPAGNONNAGE (COMPANHEIRISMO) NÃO ERA RESTRITA AOS PROFISSIONAIS DA CONSTRUÇÃO, POIS PARTICIPAVAM TAMBÉM CHAPELEIROS, TOSQUIADORES, SAPATEIROS, TINTUREIROS, ENTRE OUTROS. E ERAM ESSES COMPANHEIROS QUE REALIZAVAM O TOUR DE FRANCE.

”

Na chamada maçonaria operativa[1], existiam apenas os graus de aprendiz e companheiro, e Mestre era apenas quem dirigia o alojamento de pedreiros, sendo assim um companheiro de ofício era um profissional habilitado a executar obras.

Segundo Nicola Aslan em epílogo publicado no Ritual de Companheiro Maçom do REAA do GORJ, edição de 2012, nessa época (operativa) exigia-se que o companheiro acumulasse experiência em outras obras, dando um exemplo que na França realizava-se o *Tour de France*, que consistia em viajar a diversos canteiros por aquele país, acumulando conhecimento de forma a estar apto profissionalmente e trocando experiências. Porém, a reclamação dessa prática na maçonaria, é apenas ritual, pois a maçonaria moderna coexistiu com a fraternidade chamada *Compagnonnage* (Companheirismo), que não era restrita aos profissionais da construção, pois participavam também chapeleiros, tosquiadores, sapateiros, tintureiros, entre outros. E eram esses Companheiros que realizavam o Tour de France.

[1] Pedreiros medievais reunidos em associações. A maçonaria moderna descende ou foi inspirada nas guildas de construção da idade média.



SUPREMO CONSELHO DO GRAU 33º
DO RITO ESCOCÊS ANTIGO E ACEITO
DA MAÇONARIA PARA A REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

Compagnonnage

Segundo a página do museu da Compagnonnage, as origens desta fraternidade remontam a idade média, e era composta por jovens trabalhadores que viajavam e se auxiliavam mutuamente, possuíam linguajar e práticas rituais próprias. Para atestar sua antiguidade o museu cita uma linha do tempo com atos referentes a associação que reunia diversos trabalhadores, evoca inclusive uma pintura de Guglielmo Caorcino, do ano de 1480 para ilustrar sua antiguidade com a seguinte descrição:



Uma iluminura de Guglielmo Caorcino representa o cerco de Rodes pelos turcos. Para evitar que invadam a fortaleza, os trabalhadores estão ocupados na consolidação dos muros. Atrás das muralhas, o grão-mestre da Ordem dos Cavaleiros de Jerusalém e seus cavaleiros recebem um grupo de carpinteiros e pedreiros com ferramentas nas mãos. O grão-mestre coloca seu cajado no ombro de um carpinteiro, outro se ajoelha, outros trabalhadores avançam em direção aos cavaleiros. Um carpinteiro e um pedreiro têm a cabeça cingida com uma fita.

No Século XVII, essas associações serão de fato estabelecidas, e muitas delas estabelecerão rixas entre si, como por exemplo os Companheiros do Dever rivalizando com a os Gavots, fato que constataremos mais à frente no ritual maçônico.

Essas fraternidades no século XVIII, muito semelhante aos sindicatos de trabalhadores, estabeleceram salários e promoviam boicotes a empregadores que pagavam abaixo do estabelecido. O desafio da modernidade batia a porta com a Revolução Industrial, pois reduziu a mão de obra de vários ofícios que compunham a *Compagnonnage*. Ainda no Século XIX o Tour de France ficou desorganizado, diminuindo inclusive o número de cidades pelo qual passava. A página do museu sugere que os Companheiros diminuíram em número nesse momento porque muitos artesãos e trabalhadores preferiram outras sociedades que prestavam a mesma assistência, e que seus rituais sofreram influência da maçonaria, pois esta atraía os companheiros pelo seu simbolismo e prestígio.

As brigas entre os Companheiros de Facção diferentes, também enfraqueceram o movimento, e para dar novo vigor a fraternidade, promoveram união entre os rivais e convocaram antigos companheiros já aposentados para dirigir as sociedades que sobraram.

No século XX, muitos jovens perderam a vida nas guerras, e muitas “companhias” acabaram por fechar por falta de membros. Para sobreviver ao Nazismo na França, convenceram ao governo de que não eram uma associação maçônica, e promoveram reformas em seus rituais. Segundo o site do museu “*Em 1952, os carpinteiros de Les Devoirs (do dever), os Gavots e várias outras associações fundaram a Companion Federation of Building Trades in Tours.*”. Já na segunda metade do século, as associações de companheiros estabeleceram-se em várias cidades na Europa. Atualmente essas associações são reconhecidas como organizações de ensino profissional, como veremos a seguir:

Reconhecidas como organizações de formação profissional, apoiadas pelo poder público, as associações companheiras fundaram centros de formação profissional e também ministram cursos para quem deseja se aprimorar na profissão. As sedes destes movimentos permitem agora acolher sob o mesmo teto jovens aprendizes e artesãos de diversas profissões.

Em 2004, a associação de trabalhadores Compagnons du Devoir (Companheiros do Dever) adotou a mudança para a companhia mista e a primeira mulher (cortadora de pedras) foi admitida em 2006.